

Nietzsche: Da Técnica da Memória à Técnica do Esquecimento?

[Nietzsche: From the Technique of Memory to the Technique of Forgetting?]

Adilson Feiler*

Resumo: As diversas técnicas de memória têm privilegiado a constituição de um aparato institucional. O projeto nietzschiano de transvaloração dos valores se impôs contra estas disposições da memória, para tanto, opera num movimento inverso, pela promoção de técnicas que privilegiem a dissolução da memória em esquecimento. De modo a enfraquecer o aparato moral institucional e fortalecer o projeto de valores que privilegiem a vida e suas disposições anímicas. Contudo, vigora neste projeto nietzschiano uma aporia: a de permanecer na esfera da afirmação da técnica. Se, por um lado, Nietzsche questiona todos os mecanismos técnicos, a saber àqueles relativos aos estabelecimentos de ensino por outro, ele não ultrapassa esta esfera, afirma a técnica através dos mecanismos do esquecimento, ao questionar as técnicas de memória. Em que medida os escritos de Nietzsche inspiram uma reflexão profícua para pensar a técnica e sua aplicação à memória?
Palavras-chave: Nietzsche. Técnica. Memória. Esquecimento. Cultura.

Abstract: The various memory techniques have privileged the constitution of an institutional apparatus. The Nietzschean project of overvaluing values imposed itself against these dispositions of memory, therefore, it operates in an inverse movement, by promoting techniques that privilege the dissolution of memory in forgetfulness. In order to weaken the institutional moral apparatus and strengthen the project of values that privilege life and its soul dispositions. However, in this Nietzschean project there is an aporia: that of remaining in the sphere of the affirmation of the technique. If, on the one hand, Nietzsche questions all technical mechanisms, namely those related to educational establishments on the other, he does not go beyond this sphere, says the technique through the mechanisms of forgetfulness, when questioning the techniques of memory. To what extent do Nietzsche's writings inspire fruitful reflection to think about technique and its application to memory?

Keywords: Nietzsche. Technique. Memory. Forgetfulness. Culture

*Professor do Programa Pós-graduação em Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: afeiler@unisinos.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7352-927X>

Considerações iniciais

– “(...) a escola técnica e o ginásio, nos seus fins atuais, são em tudo tão semelhantes (...) nos falta completamente um certo tipo de estabelecimento de ensino: o estabelecimento da cultura”, (NIETZSCHE, KSA, Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, I, Quarta Conferência, p. 717), “(...) talvez nada existe de mais terrível e inquietante na pré-história do homem do que a sua mnemotécnica. Grava-se algo a fogo, para que fique na memória: apenas o que não cessa de causar dor, fica na memória.” (NIETZSCHE, KSA, Genealogia da Moral, V, II Dissertação, § 03, 1999, p. 295). Mesmo que metodologicamente, a técnica é afirmada, o que põe em aparente contradição o projeto nietzschiano de superação da técnica, que permeia as diversas instâncias da cultura. No entanto, estamos considerando escritos de Nietzsche como uma relativa distância, aqueles primeiros são escritos póstumos de 1870-1873 e o segundo de 1887-8. A questão está em saber em que medida Nietzsche se opõe, mais precisamente, a técnica em detrimento aos mecanismos anímicos e instintivos. Para tanto, nossa investigação reside nos interstícios em que a técnica, de acordo com a compreensão nietzschiana, se estriba, de modo a esclarecer seus atributos e determinações, e, assim, avaliar em que medida esta se coaduna ou não ao projeto transvalorador de Nietzsche. Uma

forma de expressão da técnica e a escrita, a sua invenção tem sido um dos fatores que conduzem ao esquecimento, atuando como ameaça às técnicas de memória. Com a escrita não se exercita mais a memória, depositando-se assim toda a credibilidade em signos externos. A invenção da escrita, pelo deus Tot, faz com que nossa memória jamais seja a mesma. Além da escrita, também a grande quantidade de informações fragmentárias, têm contribuído para enfraquecer a memória. Pois já não se consegue mais atingir aquela linearidade de raciocínio em relações que venham a constituir um sistema. As informações, com isso, já não são mais assimiladas, pois ao não comporem mais uma cadeia de raciocínio se resumem a uma cadeia de informações dispersas, sem sentido. Ora, se a escrita tem atuado em fazer esquecer, então ela tem pactuado com o projeto nietzschiano de combate às técnicas de memória, responsáveis, em grande parte, pelo cultivo da má consciência, que se expressa em forma de ressentimento. Tais sintomas repercutem em fraqueza e impotência, os principais responsáveis pela decadência da cultura. No início do capítulo *Por que escrevo tão bons livros* de *Ecce Homo*, Nietzsche evoca a sua escrita como uma realidade que se encontra para além dele mesmo. A sua compreensão esta, inclusive, situada para além das técnicas que até então se encontram para se compreender alguma forma de escrita.

Por mais que Nietzsche se oponha às técnicas de memória, e possível também considera-lo como propulsor das mesmas. Esta ênfase na importância da existência da memória Nietzsche apresenta em um dos aspectos que mais ele e lembrado, a sua estilística. O estilo de escrita de Nietzsche faz dele defensor da importância de se reter na memória informações, fatos, ensinamentos. Paradoxalmente o filósofo alemão atua numa via de mão dupla no tocante às técnicas de memória: por um lado, ataca-as como técnicas que impossibilitam a descarga daquelas forças que necessitam ser extravasadas; por outro, as defende como subsídios importantes para que a memória retenha todo esse lastro de experiências que marcam as diferentes nuances do viver. A técnica poderia ser considerada como uma ferramenta para o desenvolvimento do gênio, daqueles espécimes seletos da cultura, aberta a totalidade para um aprofundamento maduro de si, em detrimento de uma técnica que promove o desenvolvimento da massa, devotada a especialidade superficial e apressada? Em que medida a filosofia de Nietzsche pode ser considerada um aporte ao desenvolvimento da técnica que perpassa diversas instâncias da cultura, como e o caso da memória, mesmo que na contramão da técnica que se depreende dos estabelecimentos de ensino?

Ao pensarmos, a partir das reflexões nietzschianas, uma técnica que favoreça a cultura, concebida enquanto um

futuro que demanda tempo para a sua maturação, somos levados, além disso, a concepção de que a cultura não pode se ater a produção de artefatos específicos que atendam às demandas desenfreadas da economia política. Outrosim, a cultura não pode pactuar da tendência massificadora que leva a ampliar ao máximo os seus círculos. Diante dos desafios que nos colocamos para pensar a relação entre técnica e cultura em seus diversos mecanismos, como são aqueles da memória e do esquecimento, faremos um percurso em três momentos. No primeiro momento aprofundamos as implicações da cultura, pelo cultivo demorado de si mesmo, frente às demandas apressadas de uma tendência movida pela técnica, ao qual intitulamos “Da pressa da técnica ao demorado cultivo da cultura em instantes de plenitude.” No passo seguinte, consideramos as possíveis relações entre as especialidades promovidas pela tecnologia e seu afã de atender às demandas utilitaristas de um mercado competitivo e a capacidade de amplitude que exige o estabelecimento da cultura; a este intitulamos “Os desafios de se pensar uma técnica que ultrapasse os limites de sua especificidade para a amplitude que demanda a cultura.” Finalmente, adentramos no maior de todos os desafios a que nos propomos neste trabalho: o de manter o compromisso com a técnica, como um dos meios de favorecimento da cultura, para além da tendência massificadora, ao qual intitu-

lamos “A técnica como ferramenta para o cultivo de si pela desconstrução das técnicas de memória massificadoras.

1. Da pressa da técnica ao demorado cultivo da cultura: a memória que se plenifica em instantes de plenitude

O caminho que a técnica vem percorrendo, desde as grandes revoluções humano tecno científicas, aos dias atuais constituem um caminho sem volta. Ou seja, não se é mais possível pensar num retorno aos tempos que se vivia anteriores ao domínio da técnica moderna. E um dos atributos da técnica é a rapidez vertiginosa com que esta se apresenta no cenário atual. Um dos valores que se atribui à técnica, e seus diferentes artefatos, diz respeito à rapidez com que estes podem cumprir a sua função. Diante disso, torna-se impossível a existência de artefatos que demandem tempo demasiado para a realização de suas funções. Contudo, a questão que se coloca diante desta situação é a qualidade com que estes artefatos técnicos cumprem a sua função. Será que a qualidade destes é a mesma daqueles que levavam mais tempo para cumpri-los? E quanto se fala em qualidade entra em questão o fator tempo, como realizar as tarefas com qualidade demandando um mínimo de tempo possível? Esta é uma das questões que Nietzsche se coloca em seu caderno de anotações de 1870-3, quando em suas conferências “Sobre

o futuro dos estabelecimentos de ensino” bastava a questão dos desafios da técnica aplicados ao cultivo de si, ou seja, como a rapidez da técnica pode ser aplicada ao demorado processo de auto cultivo, que se expressa, basicamente, pelo ócio filosófico. A reflexão filosófica, atenta e acurada, demanda tempo para o seu cultivo até o seu amadurecimento. Com isso, somos levados a refletir sobre a nossa própria produtividade científica. Em que medida os mecanismos técnicos que rendam os diversos artefatos de medição de produção alcançam aquele objetivo que aponta para a excelência?

A cultura que se promove pelos mecanismos da técnica é “(...) uma cultura rápida” (NIETZSCHE, KSA, I, Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, Primeira Conferência, p. 668), preocupada em fazer render dinheiro, e dinheiro rápido. Myriam Xavier Fragoso a esse respeito traz a seguinte reflexão: “A cultura atual reunira a inteligência e a propriedade. O lucro assumira a categoria de valor moral. A cultura rápida antecipa o lucro” (FRAGOSO, 1974, p. 285). Ora, sabe-se que tudo aquilo que é nobre, genial, excelente, demanda tempo para ser gestado, é um tempo relativamente longo, o tempo necessário para madurar aqueles mais preciosos frutos que despertem os desejos de nosso paladar. Um ditado popular que é corrente entre nós é o de que “a pressa é inimiga da perfeição”, pois quando realizamos

nossas atividades na pressa a tendência é a de que os produtos resultantes sejam marcados por imperfeições e limites. A tendência automatizadora que se depreende dos mecanismos da técnica ao reduzir o tempo na realização dos seus vários produtos leva a que estes sejam marcados pelo vazio formalista. Como podemos pensar em vazio formalista aplicado a reflexão humana? O hermetismo que se depreende deste formalismo não dá conta das diferentes nuances que são próprias da humanidade. Portanto, consiste numa tarefa que só o cultivo demorado e atento seria capaz de adentrar os seus interstícios. O imediatismo se apoia numa técnica de memória¹ que torna a realidade como imagem fotográfica, de modo a em qualquer momento reconhecê-la e reproduzi-la em sua integridade mnemônica, sem, contudo, repensar esta realidade, compreendendo-a como realidade viva, dinâmica e orgânica. Pelo contrário, quando demandamos tempo para pensarmos uma realidade mnemônica, há o cuidado de reproduzi-la com discernimento, o que leva a não tomá-la em uma petricidade imutável, mas compreendendo-a como realidade orgânica, em movimento. No dizer de Cícero, a memória é o repositório de todas as coisas², num orador é a guardiã de te-

mas e palavras, e que por mais belas e esplêndidas que sejam, se não forem repensadas e ruminadas, acabam-se perdidas. Ou seja, retomar esta memória criticamente, de modo que se possa ponderar o que dela é possível retomar a fim de que seja benéfica para a vida. Petar Ramanadovic possui uma reflexão bastante elucidativa a respeito de como se pode aproveitar, de acordo com Nietzsche, a memória passada para a vida presente.

Como um antídoto para este predicamento ele sugere um discurso crítico sobre o passado que seria atento para as necessidades do presente e apto para distinguir entre o que no passado é vantajoso e o que é desvantajoso para a vida. Assim esquecimento ‘ativo’ é um relembrar seletivo, o reconhecimento de que nem todo o passado é forma de conhecimento, e nem toda a experiência é benéfica para o vida presente e futura. Esquecimento ativo é então parte de uma tentativa mais geral para racionalizar a relação para o passado e render consciência – de modo a superar – todos os eventos assombrosos

¹A “técnica de memória” ou “arte de memória” foi criada pelo poeta grego Simônides, baseada na técnica de apontar determinados lugares e constituir pinturas mentais de objetos pertencentes a estes lugares, associando assim os lugares aos objetos por estes ocupados. Esta técnica, se desenvolveu na Idade Média e na Renascença, com seus expoentes principais Tomás de Aquino e Giordano Bruno. Cf. YATES, 2013, p. 17-18.

²Cf. CÍCERO, Livro I, n. 18.

que retornam para perturbar a calma de um último momento (RAMADANOVIC, 2001, n. 01, p. 01).

Esta calma do último momento diz respeito àquela dimensão nietzschiana da plenitude vivida no instante presente na vida, é este o esquecimento ativo, aquele esquecimento que longe de inerte ou acéfalo, é um esquecimento que aponta para novas perspectivas. E Ramadovic segue dizendo que “(...) esquecer submete este discurso para o momento vivente, para a sua animalidade e atualidade. Além disso, com esquecimento ativo, Nietzsche está tentando não evitar o passado, mas abrir uma possibilidade para o futuro” (RAMADANOVIC, 2001, n. 07, p. 03). E futuro não se confunde com progresso, e sim com diferentes compreensões e perspectivas do que compreende a história – como abertura ao instante presente pleno, aquele instante concebido como eternamente novo. Portanto, a emergência deste novo, deste esquecimento ativo é possível “(...) quando nos tornamos capazes de rearticular e reexperimentar o momento originário de identidade de que pode haver um indivíduo saudável” (RAMADANOVIC, 2001, n. 10, p. 04). Um indivíduo não contaminado pelas tendências viciosas daqueles que fazem da técnica entretenimentos passageiros movidos pela moda, mas que utilizam da técnica para promover um esquecimento que

produz, eleva, sublima e regenera, mais precisamente, “(...) que pelo ‘esquecimento ativo’ algo é aceito e afirmado, mais que omitido, apagado ou negado” (RAMADANOVIC, 2001, n. 31, p. 10). Na concepção de esquecimento ativo se depreende um misto de memória e esquecimento, já que a memória é uma necessidade da qual ninguém pode abdicar, a questão está sobre o que se memoriza e em que intensidade, de modo que se realize uma dosagem equilibrada com o esquecimento, se perguntando sobre o que esquecer e qual a medida do mesmo. Desta dosagem equilibrada entre memória e esquecimento deriva a saúde do indivíduo, tal como acompanhamos nas palavras de Zeynep Talay Turner, em sua pesquisa sobre esquecimento ativo: “(...) a saúde do indivíduo depende de um balanço adequado entre memória e esquecimento” (TURNER, 2018, p. 49). Deste balanço entre memória e esquecimento demandam técnicas referentes aos dois lados da questão, que devidamente serão capazes de proporcionar efeitos no indivíduo pela afirmação de si através da ação – “(...) você não pode ser alguém mais, você é o que faz: suas ações são expressões de quem você é” (TURNER, 2018, p. 55). Além disso, estes efeitos da equalização entre memória e esquecimento, ultrapassando recônditos especializados, têm incidência sobre dimensões mais totalizantes – “Nietzsche não detalha como os modos de consciência histórica se desenrolam no nível do indivíduo,

embora ele às vezes se refira aos problemas enfrentados pelos indivíduos para ilustrar os problemas enfrentados pelas nações” (TURNER, 2018, p. 49).

Destas breves considerações, podemos avaliar as inúmeras vantagens que temos em termos de humanidade ao aplicarmos o devido tempo aos mecanismos da técnica, de modo que esta possa estar afinada à humanidade em sua realidade orgânica. Contudo, além do tempo, um outro aliado forte da técnica em seu aporte humanista é a sua dimensão de totalidade, para tanto, é preciso vencer um novo obstáculo: o da tendência especializante dos mecanismos da técnica.

2. Os desafios de se pensar uma técnica que ultrapasse os limites de sua especialidade para a amplidão que demanda a cultura

A especialidade é uma das marcas próprias de uma cultura dominada pela técnica. Longe de se atribuir um juízo moral à especialidade em si, o que se pretende é mostrar os limites de uma cultura dominada unicamente pelo especialista. É próprio do humano a marca da diversidade, que se expressa em seus vários domínios; neste sentido, pensar em apenas um aspecto desta imensa plêiade de caracteres e tendências seria empobrecer a própria realidade do humano, impedindo assim que esta se expresse em uma riqueza pró-

pria da diversidade. Já que a não especialidade é uma das características próprias do humano, neste sentido, a própria compreensão daquilo que o ser humano é, bem como daquilo que ele se torna envolve uma diversidade de perspectivas técnicas. Richard Schacht, a este respeito, sublinha o fato de que a reinterpretção de tudo aquilo que diz respeito a vida humana envolve uma gama diversa de materiais técnicos que Nietzsche entende como incremento da vida humana. “Ele está, ao mesmo tempo, desenvolvendo e empregando as várias perspectivas e técnicas que lhe parecem relevantes para a compreensão do que passamos a ser e do que temos em nós para nos tornarmos” (SCHACHT, 2012, p. 102). Para uma compreensão do que corresponde ao humano, faz-se necessário, pelos diversos mecanismos e perspectivas técnicas, dar-se conta de tudo o que se impõe como obstáculo, como é o caso da moral, para assim caminhar em direção a sua superação.

Preocupado com as dimensões que os efeitos da moral se fazem sentir sobre a cultura, Nietzsche percebe a necessidade do emprego de um método que dê conta das diferentes formas que a moral vai assumindo. Para tanto, a eficácia deste método deve residir em sua capacidade de profundidade psicológica; é no que, inclusive, Nietzsche se distingue, no dizer de um dos maiores pesquisadores de Nietzsche como Eugen Fink. Para este último, “(...) as realizações

psicológicas de Nietzsche são extraordinárias: ele abriu nossos olhos para as ambiguidades, os significados escondidos de alguma expressão espiritual e para outras ambiguidades incontáveis. Sua técnica e análise psicológica é altamente sofisticada” (FINK, 2003, p. 03). A sofisticação desta técnica psicológica de Nietzsche está em enxergar além dos pressupostos estabelecidos pela moral que os mantém escondidos em espaços altamente reservados, e, por isso, inacessíveis. Por essa razão, sua genealogia não pode consistir num procedimento que se estabeleça num recôndito específico da cultura, mas que tenha o alcance necessário para atingir os seus diferentes espaços e formas – “(...) necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram.” (NIETZSCHE, KSA, Para a genealogia da moral, Prólogo, 6, p.?). O método de investigação moral utilizado por Nietzsche, possui um alcance muito maior do que aqueles de seus predecessores, como recorda Matthew Kelley: “Nietzsche afirma que os métodos tradicionais de investigar a história dos conceitos morais são equivocados e, na genealogia, ele argumenta que seu método genealógico aprimora o método de seus antecessores” (KELLEY, 2019, p. 08). O filósofo alemão busca atingir a raiz de onde brotam os concei-

tos morais, para tanto, se faz necessário traçar um caminho que abarque horizontes mais amplos, de onde se possa enxergar mais profundamente.

Nietzsche vê na especialização um caminho que distancia da verdadeira cultura, como acompanhamos a partir de suas próprias reflexões: “(...) um erudito, exclusivamente especializado se parece com um operário de fábrica que durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou máquinas determinadas (...) esta acanhada especialização de nossos eruditos e seu distanciamento cada vez maior da verdadeira cultura” (NIETZSCHE, KSA, Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, Primeira Conferência, p. 670). Tal como numa fábrica em que cada funcionário deve dominar um âmbito específico no trabalho, também no âmbito acadêmico acaba se reproduzindo a mesma realidade através de um erudito especializado. Sua erudição se torna comprometida, já que o erudito é aquele que, por excelência, é capaz de ter o devido distanciamento crítico da realidade, para sobre esta, poder tecer uma reflexão. “O sábio especializado da universidade passara a uma condição análoga à do operário de fábrica. A imposição da cultura de Estado o confinara numa única disciplina. A repetição das mesmas tarefas o mantém afastado dos problemas gerais da cultura” (FRAGOSO, 1974, p. 286). Com este devido distanciamento, o erudito não

terá como foco nenhum ponto específico desta realidade, mas a realidade mesma compreendida em seu todo, e na sua natureza de totalidade será capaz de perceber as relações que perfaz o conjunto múltiplo de partes em sua disposição orgânica.

Na medida em que se foca a realidade em seu todo, tanto mais se terá condições de compreendê-la em maior profundidade. Assim, também, na medida em que as técnicas de memória deixam de se prenderem em seus aspectos específicos da realidade para fazer destes objetos mnemônicos uma forma de compreensão da realidade total, tanto mais a memória irá reter o que há de mais essencial e universal, não se perdendo em aspectos que favorecem mais a uma disposição moral que a uma dimensão que açambarque um largo lastro histórico. Constitui este último, portanto, um contra movimento àquele que tende a fixar-se em aspectos específicos, a fim de provocar medo e impacto àqueles que os experimentem, e assim, impedindo-os de abrir-se a dimensão de plenitude. Nietzsche constata em práticas medievais o quanto a dor exerce influência no sentido de desvirtuar a atenção de questões mais universais, para prender-se a particularidades, como Stephen Mulhall se posiciona a esse respeito. Para ele “(...) a contra-conquista da memória é estabelecida e mantida pela imposição da dor empregada como técnica mnemônica” (MULHALL, 2011, p. 257). A

dor impossibilita desviar o olhar sobre aquela particularidade lesada, atuando assim como uma espécie de narcótico que se alheia a respeito da realidade mais ampla. Essa técnica mnemônica do emprego da dor é, inclusive, um expediente já bastante antigo, existente mesmo antes mesmo de que fossem utilizadas para fins de punição. Maude-marie Clark, por essa razão, recorda que: “Nietzsche discute tais procedimentos anteriormente no mesmo ensaio (GM II: 3), e então estaria fazendo a alegação obviamente verdadeira de que as técnicas para infligir sofrimento existiam antes de seu emprego em punição” (CLARK, 1994, nota 14). Mais do que punir, tais técnicas existiam simplesmente para fazer com que se sofresse, e desse sofrimento se extraísse uma memória. Desse modo, como analisa Michael Cowan, Nietzsche concebe o conjunto de práticas ascéticas “(...) como técnicas de disciplina corporal suplementares designadas para compensar as incapacidades inerentes do sujeito para inibir os impulsos do corpo” (COWAN, 2005, p. 59). A disciplina corporal atua como narcótico inibitório, como técnica de memória inibitória dos impulsos. “No entanto, é difícil perceber por que Nietzsche equipararia essas técnicas de violência a ‘uma sequência estrita de procedimentos’ ou por que consideraria o procedimento o ‘elemento estável’ e o objetivo o aspecto ‘fluido’ da punição quando houver menos tantos procedimentos dife-

rentes para infligir sofrimento quanto propósitos de punição” (CLARK, 1994, nota 14). Dá a impressão que Nietzsche pretende fazer uma equiparação da técnica, como esse elemento estável, ao motivo de emprego da mesma a fim de propor a sua ampliação para atingir um horizonte mais amplo, para além da especificidade que não proporciona embate e não promove vida.

O específico não permite o confronto necessário para que a reflexão possa ser levada adiante. E, com isso, todo o esforço de cunho intelectual é comprometido, pois não tem como produzir conflitos e embates para que a própria reflexão ganhe vida. Assim, quanto maiores forem os fatores de embate ao interior da própria reflexão, tanto mais ricos serão os produtos desta reflexão. A técnica, que conduz à especialização e, conseqüentemente, afasta a realidade, perde o lastro vital e se engessa nas determinações de uma particularidade solipsista. O específico tende a se imiscuir da responsabilidade pelo universal, do qual o humano é fundamentalmente partícipe. Por essa razão, quando Nietzsche se refere a questão de técnicas de memória coletiva, não a associa a dimensão social, e sim à vida, ao tempo da vida, *temps vécu*, como acentua Jan Assmann (ASSMANN, 2003, p. 172), para além de um tempo projetado ou conhecido artificialmente, que excede ao formato próprio da vida orgânica. É nesta vida, organicamente compreendida, que os acontecimentos tendem a

atingir estágios de plenitude ultrapassando eventos isolados.

A febre e o sensacionalismo causados pelos acontecimentos momentâneos, tendem a permanecer momentâneos. Esta momentaneidade se reproduz, de acordo com a leitura que Nietzsche faz, na “(...) escola secundária: basicamente técnica: a serviço de uma profissão” (NIETZSCHE, KSA, Fragmentos Póstumos, VII, 1871, 9[63], p. 298). A escola secundária, que deveria ser aquela que instruisse nas humanidades passa a preparar para o mercado de trabalho, para a confecção de produtos técnicos, de modo que “Não é o ensino secundário, mas uma infinidade de escolas técnicas” (NIETZSCHE, KSA, Fragmentos Póstumos, VII, 1871, 14[20], p. 382), e assim como a técnica obedece a lei do descartável, tudo o que hoje existe, amanhã já se tornou obsoleto, reduzindo-se a sua inexistência. Da mesma forma, os produtos específicos da técnica, enquanto permanecerem específicos, tendem a deixar de existir; ou seja, reduzem-se a nada. Quanto mais universal forem as implicações da técnica, tanto mais chances terão para servirem de base para um fomento da cultura em todas as suas dimensões, principalmente humanas. Contudo, é preciso conservar o foco, ou seja, que os mecanismos da técnica não sejam produtos da moda, mas produtos que tenham um claro discernimento para qual direção se quer caminhar, caso contrário se desperdiçará energia

em instâncias que não rendem frutos, com uma conseqüente decadência da cultura. Desse modo, a técnica pode ser uma ferramenta importante na medida em que, para além de constituir um movimento massificador, esteja a serviço do cultivo de si.

3. A técnica como ferramenta para o cultivo de si pela desconstrução das técnicas de memória massificantes

O desenvolvimento da técnica para a promoção de uma cultura de massa é um outro desafio que se impõe. Como fazer com que a técnica não se renda à cultura de massificação, típica de um contexto marcado pela falta de discernimento, indispensável para a promoção da cultura. Os artefatos promovidos pela técnica, além de seguirem a lógica de uma cultura da pressa e do imediatismo, da especialidade em detrimento da totalidade, se rende ao culto de um modismo massificante: como é, por exemplo, o consumo de modernos aparelhos andróides. Mais do que ver nestes artefatos um meio de satisfação de necessidades utilitárias, o que dentro da concepção nietzschiana já constitui uma perda de rumo em direção à elevação da cultura, é ainda pior, uma busca de reprodução de modelos repetidos pela massa, por considerar isto como ingresso nos mais altos escalões da sociedade. Quanto mais assim se exercita, mais se distancia daquele que,

de acordo com Nietzsche, seria o caminho em direção aos mais altos cumes da cultura: o do cultivo de si mesmo. Ora, o que comumente se assiste é uma abdicação de si mesmo para cultivar os astros da moda massificamente fetichizados. Ora, uma “(...) cultura não será universalmente distribuída. Na hipótese contrária - a da cultura de massa - a barbárie seria completa” (FRAGOSO, 1974, p. 286). O esquecimento do indivíduo em prol da massa impede o nascimento do gênio, daquele que é capaz de reivindicar a cultura, de apostar no novo, de romper estruturas fossilizadas que se pretendem eternizar e assim impedir o florescimento da vida, que a todo o instante quer se renovar. Não é um instante que muda conforme o desejo da massa, mas um instante que se plenifica pelos mais altos pontos culminantes de potência que o gênio é capaz de atingir. Em que medida a tecnologia pode contribuir para o melhoramento do humano, como é o caso da biotecnologia, e, com isso, da cultura? Jelson Roberto de Oliveira, a este respeito recorda que

Todos os processos de melhoramento projetados pela via biotecnológica, além disso, evocam o grave risco da padronização, fazendo com que a guerra contra a animalidade seja, por isso, uma guerra contra o “*pathos* de distância” (GM I, 2), contra as forças que tornavam o homem

capaz de viver em solidão, ou seja, de distanciar-se dos valores vigentes. Tais valores, assim, não são outros senão aqueles derivados da ascensão do ideal da vida gregária nas suas mais variadas formas – como moral da “conformidade”, da “conciliação”, da “harmonia”, da “baixeza” e da “igualdade” (OLIVEIRA, 2016, p. 730).

Os artefatos tecnológicos podem servir de aporte para a promoção da cultura do gênio, e, conseqüentemente, da renovação cultural na medida e que superarem a febre da massa, o grande perigo que Nietzsche identifica na cultura de sua época e que se reproduz da mesma forma na cultura hodierna - “(...) Nietzsche parte de uma afirmação o da natureza própria do homem e, só a partir daí, como um gesto de fidelidade à terra, pode pensar a desejada superação que é, no limite, sempre uma autossuperação, na medida em que parte das forças próprias do indivíduo criador e não de um esforço da civilização, por exemplo, como é o caso da biotecnologia.” (OLIVEIRA, 2016, p. 730). Como superar esta grande ameaça de que “(...) a grande massa irá um dia pular o grau intermediário e se lançar sem rodeios à felicidade terrena. É isto o que se chama agora de questão social” (NIETZSCHE, I, Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino, Primeira Conferência, p. 668). Nietzsche

antevê um grande perigo, o de associar felicidade à grande massa e a questão social. Oswaldo Giacóia Junior, sobre esta associação entre felicidade e massa, recorda:

O resultado mais visível e preocupante desse processo de entronização das “idéias modernas”, Nietzsche o apreende como o inquietante movimento de consolidação de uma sociedade mercantil, de massas, cujo ideário ético-político se generalizaria na Europa a partir de uma identificação entre felicidade, segurança e bem-estar, assim como a partir da universalização de um certo tipo de experiência democrática, fundada na idéia de identidade entendida como igualdade uniforme e ausência de hierarquias legitimáveis. Essa identificação implicaria, propriamente, a consagração da doutrina do bem-estar social e do utilitarismo moderno como meta hegemônica de toda ética e política. (GIACÓIA, 1999).

Ora, fazer da massa, da questão social o caminho rumo a felicidade é estabelecer um obstáculo que cega a cultura para a sua superação. O que em grande medida foi realizado pelas diversas instituições, sejam estas civis ou religiosas, em nome da felicidade do povo, da

massa, mas em contrapartida espezi-
nhando o indivíduo e o impedindo de
que este um dia nasça da terra como
gênio, como além-do-homem. Ao in-
vés de além-do-homem a massa torna-o
último homem, aquele que se rendeu
ao cansaço e a fraqueza, a uma von-
tade coletiva de vontade de impotência.
Trata-se de uma vontade que reproduz
a objetivação tecnológica como vontade
impotente.

É sobre essa base metafísica
desse representar persecutório
que se funda a compulsão à
disponibilização tecnológica de
todo ente. Esta, por sua vez,
é a forma da vontade coletiva
de poder que se torna figura
do mundo com o último ho-
mem. Trata-se de uma compul-
são que leva ao desgaste (*Ver-
nutzung*) de todo ente e à infi-
nita reposição desse consumo,
tornado possível pela inesgo-
tabilidade da técnica moderna.
Esta é, pois, a figuração meta-
física da vontade de poder no
mundo moderno. E, contudo,
do ápice de seu poder de ob-
jetivação e reprodução tecnoló-
gica, o último homem se revela
como vontade de poder impo-
tente. Impotente porque, com-
pletamente ofuscado pela cin-
tilação das fachadas e superfí-
cies de seu próprio poderio, ele
não se compenetra de que toda

compulsão, como impulso coer-
citivo, não é mais, enquanto tal,
nem controlável, nem disponí-
vel. Por conseguinte, a com-
pulsão ao consumo e ao des-
gaste de todo ente é uma po-
tência que se furta ao controle
do último homem e, no limite,
o subjuga e domina. Pior do
que a cegueira é o ofuscamento.
Este julga e crê poder ver, e
ver da única maneira possível
(nesse caso, ver a modo do delí-
rio de onipotência tecnológica);
mas é justamente esse delírio
de onipotência que constitui a
prisão e a condenação às facha-
das e superfícies que, por fim,
obliteram toda possibilidade de
ver clara e sobriamente. (GIA-
CÓIA, 1999).

Nesta linha de interpretação do de-
senvolvimento da vontade em vontade
de potência como tecnologia, pela ex-
periência que cada um é levado a fazer
de si mesmo, Ullrich Michael Haase de-
fende "(...) que as palavras de Nietzsche
de experimentação e função podem ser
compreendidas como um prologomena
para o conceito de tecnologia (...) as-
sociando a dissolução do ser humano
em uma realidade compreendida tec-
nologicamente" (HAASE, 1999, p. 337).
Portanto, a tecnologia não perfaz o ca-
minho de promoção de diferenças, no-
vidades, renovação que são próprias da
compreensão do humano, mas de per-

petuar os desejos das massas sob o slogan da garantia da felicidade. A unificação da compreensão do humano, em torno aos mecanismos promovidos pela tecnologia, se defronta com a defesa de Nietzsche de que a verdade é múltipla, uma multiplicidade que se expressa, não na unificação da vontade, mas na vontade que se coloca contra a vontade. Desse modo, no dizer de Frederick Coppleston, em sua interpretação de Nietzsche, o que nós necessitamos unificar são as relações entre uma ou mais forças – “A pluralidade de forças, unida por um processo nutritivo comum, nós chamamos vida” (COPLSTON, 1963, p. 411). Em uma carta a Malvida von Meysenbug de 02 de janeiro de 1875, Nietzsche afirma “(...) que mesmo o homem não quer mudar nada – é claro a imperfeição da tecnologia” (NIETZSCHE, KGB, 1875, V, 414, p. 07). A tecnologia, paradoxalmente, acaba sendo mais um fator de comodismo, de modo a não se ousar coisas novas. Neste sentido, as técnicas de memória visam perpetuar a memória da massa, aquela memória consignada em imagens na qual todos estão obrigados a não esquecer, e a não esquecer em rebanho, de modo a estabelecer um controle para jamais ousar pensar distintamente. Em que todos passam a reproduzir fidedignamente os diversos eventos históricos no sentido daquilo que Nietzsche recorda em sua descrição sobre a história monumental, “(...) fidelidade absoluta: eternamente ela aproximará, generalizará e fi-

nalmente identificará coisas diferentes, eternamente ela reduzirá a diversidade dos motivos e das circunstâncias para apresentar uma imagem monumental” (NIETZSCHE, I, Sobre a utilidade da história para a vida, 2, p. ?). Esta imagem monumental da memória solapa todas as diferenças para reduzir tudo a uma realidade única, monolítica, portanto, são técnicas de memória miméticas, “(...) com isso: segmentos inteiros desta passado são esquecidos, desprezados e escoam num fluxo cinzento e uniforme, de onde somente alguns fatos isolados mascarados emergem como ilhas isoladas” (NIETZSCHE, I, Sobre a utilidade da história para a vida, 2, p. ?). Diante de técnicas de memória solapadoras das diferenças que, esquecidas no passado, fazem com que este resinta e consista numa força com direção invertida, ao invés de crescimento, degenerescência. Sobre esta última, Nietzsche se insurge contra, porque “(...) ela sempre subestima o que está em gestação (...) ela impede o indivíduo de optar resolutamente pelo novo, assim ela paralisa o homem de ação” (NIETZSCHE, I, Sobre a utilidade da história para a vida, 3, p. ?). Pela direção da força que cria, pelo contrário, são ativadas técnicas de memória que colhem no terreno do passado toda sorte de primícias, sempre novas e diversas.

Contudo, as técnicas de memória não promovem aquela memória genuína do indivíduo, aquela memória capaz de reinventar, como seria, por exemplo,

a arte, a escrita, a música. Pelo contrário, se memorizam artefatos da técnica, tudo aquilo que pode promover massificação, de onde emergem formas de controle institucional, como é o caso do Estado na instituição civil e a Igreja na instituição religiosa. Para escapar destes mecanismos só fazendo com que os artefatos tecnológicos estejam à serviço da emancipação do indivíduo, de modo que estes promovam, pelo alcance dos mais altos cumes de potência, uma cultura que se renova a cada instante e neste se plenifique pelos frutos que marcam o paladar e a memória dos que dele usufruem.

Considerações finais

Nosso percurso, pelas considerações nietzschianas em torno à técnica e sua aplicação à consciência, nos permitiu avaliar e atestar a extemporaneidade do filósofo. Como podemos perceber pela grande influencia da técnica no contexto hodierno, uma influência que se apresenta mesclada pela sua aberta recepção e resistência. No decorrer dos capítulos recolhemos da própria letra de Nietzsche três aspectos que põem em evidência a medida em que o filósofo alemão concebe como conveniente o papel da técnica nos diferentes âmbitos da vida humana.

Em primeiro lugar, é uma técnica que não se rende aos mecanismos imediatistas, responsáveis pela pressa com que

têm veiculado os seus mais variados artefatos. Com isso, Nietzsche percebe as consequências que se fazem sentir sobre a reflexão filosófica, já que toda a boa e madura reflexão demanda tempo para a sua frutificação. Assim, além da pressa, veiculada à técnica, também a especialidade consiste num dos grandes desafios a serem superados, o que refletimos na sequência de nosso trabalho. A especialidade, que acompanha a técnica, consiste em obstáculo para uma visão mais universal, da qual demanda a reflexão humana. A pressa e a especialização trazem igualmente uma terceira característica, própria da técnica, a massificação, o que refletimos na terceira e última parte de nossa pesquisa. A massificação é uma tendência levada pelo gosto da moda, própria daqueles que se aventuram a ser consumidores da técnica. Contudo, a sua superficialidade não permite uma continuidade e aprofundamento quanto a reflexão humana filosófica. Tanto a pressa como a especialidade e a massificação, trazem influências para as técnicas da memória, tornando-a obstáculo para a superação da moral, veiculada àquelas imagens que engessam em forma de má consciência. A pressa é uma técnica ligada à memória que se prende a dimensão hermética da imagem e não a aprofunda, de modo a compreendê-la como realidade viva. A especialidade faz com que a memória se prenda a detalhes e assim perca de vista a dimensão mais universal, própria da reflexão filosófica.

A massificação faz da técnica de memória um modismo superficial e irrefletido, com perda do cultivo de si, em detrimento de uma submissão à instituição seja ela civil ou religiosa.

Logo, a técnica em si não é vista como um obstáculo ao desenvolvimento cultural, mas a forma pela qual esta é veiculada. Assim, como atestamos a sua

influência na cultura atual, constatamos que ela constitui um caminho sem volta, ou seja, não se pode voltar atrás frente aos avanços da técnica. No entanto, a questão está em como veiculamos a técnica à promoção da cultura, que passa pelo cultivo de si em detrimento da superação da pressa, da especialização e da massificação.

Referências

- ASSMANN, Jan. Cultural Memory: Script, Recollection, and Political Identity in Early Civilizations. In: *Historiography East West*, University of Heidelberg: Leiden, 2003, pp. 154-177.
- CÍCERO, *De Oratore*.
- CLARK, Maudemarie. Nietzsche's imoralism and the concept of morality. In: *Nietzsche, Genealogy, Morality. Essays On Nietzsche's genealogy of morals*. Edited by Richard Schacht. University of California Press: Berkeley, 1994, pp. 14-34.
- COPLESTON, Federick. *A history of philosophy. Vol VII. Modern Philosophy: From the Post-Kantian Idealists to Marx, Kierkegaard, and Nietzsche*. Image Books Doubleday: New York, 1963.
- COWAN, Michael. Nichts ist so sehr zeitgemass als Willensschwache. Nietzsche and the Psychology of the Will. In: *NIETZSCHE-STUDIEN Internationales Jahrbuch fur die Nietzsche-Forschung*, Band 34, Walter de Gruyter, Berlin, 2005, pp. 48-74.
- FINK, Eugen. *Nietzsche's philosophy*. Translated by Goetz Richter. Athlone Contemporary European Thinkers. Continuum: London, 2003.
- FRAGOSO, Myriam Xavier. Nietzsche e a Educação. In: *Transformação*, Marília, n. 01, 1974, pp. 277-293.
- GIACÓIA, Oswaldo Jr. O último homem e a técnica moderna. In: *Natureza Humana*, v. 01, n. 01, São Paulo, jun. 1999.
- HAASE, Ullrich Michael. Nietzsche's critique of technology: a defence of phenomenology against modern machinery. In: *Nietzsche, epistemology and philosophy of science*. Nietzsche and science II, Edited by Babette Babich and Robert S. Cohen, Boston Studies in the Philosophy of Science, vol 204, Springer science + Business Media, BV, Boston, 1999.
- KELLEY, Matthew. The Body of Ideas: Nietzsche, Embodiment, and the Genealogical Method. In: *Georgia State University ScholarWorks @ Georgia State University*. Georgia, Philosophy Theses, Department of Philosophy, 2019.
- MULHALL, Stephen. The promising animal. In: *Nietzsche's on the genealogy of morality. A critical guide*. Edited by Simon May. Cambridge University Press: Cambridge, 2011, pp. 234-264.
- NIETZSCHE, F. W. *Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Verlag de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.
- _____. *Nachgelassene fragmente*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1999. 15 Bd.
- _____. *Briefwechsel: Kritische Gesamtausgabe Briefwechsel KGB*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Walter de Gruyter: Berlin, 1981. Bd III1 und 1975. Bd I2.
- _____. *Além do bem e do mal. Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Escritos sobre Educação*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- _____. *Escritos sobre história*. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- OLIVEIRA, Jelson Roberto de. Nietzsche e o transhumanismo: e, torna da questão da autossuperação do homem. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, n. 135, Dez./2016, p. 719-739.
- RAMADOVIC, Petar. *From Haunting to Trauma: Nietzsche's Active Forgetting and Blanchot's Writing of the Disaster*. University of New Hampshire, 2001.
- SCHACHAT, Richardt. Nietzsche: Human, All Too Human. In: *Introductions to Nietzsche*. Ed. by Robert Pippin. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. pp. 91-111.

TURNER, Zeynep Talay. Nietzsche on memory and active forgetting. In: *The European legacy. Toward new paradigms*, International Society for the study of European Ideas, 2019, VOL. 24, NO. 1, 46-58.

YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Recebido: 29/04/2020

Aprovado: 08/10/2020

Publicado: 31/01/2021

